

Por que não posso?



Um livro sobre regras

Sue Graves

SUPLEMENTO DIDÁTICO

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS E DE ATIVIDADES ELABORADAS POR:

Andréa Cristina Felix Dias – Professora do ensino fundamental, psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento na área de Moral e Ética pela Universidade de São Paulo, formadora em cursos de pós-graduação em Educação Infantil e Alfabetização.



A OBRA

Júlia vai cuidar de Jonas e Renata enquanto seus pais estão fora. Os adultos explicam às crianças que devem se comportar, obedecer e seguir algumas regras, como, por exemplo, ir para a cama às 19 h.

Jonas acha que as regras são bobas e não quer respeitá-las. Ao longo do dia, surgem alguns problemas em função dessa atitude de

Jonas, ele quase é atropelado ao atravessar a rua sem esperar a sua vez, não conseguiu participar do jogo, pois não respeitava as regras e, por fim, não quis ir para a cama no horário combinado. Jonas ficou cansado e mal-humorado. Com carinho e delicadeza, Júlia explica os motivos das regras com exemplos de sua própria vida. Dessa vez o menino percebe como as regras são importantes e decide obedecê-las.

TEMAS ABORDADOS

- Comportamento
- Emoções, sentimentos, sensações
- Regras e suas razões
- Normas sociais
- Convívio
- Relações entre crianças

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS

Formação do leitor

Para favorecer o desenvolvimento da linguagem, um trabalho consistente com a leitura deve acontecer sempre na escola, uma vez que favorece a ampliação do vocabulário, estimula a imaginação, além de dar oportunidade para discussões de temas interessantes (como no caso desses livros), como a convivência e os sentimentos envolvidos nas relações. É imprescindível que o professor dedique um momento da aula, todos os dias, para ler e discutir essas leituras com seus alunos, ampliando os olhares e ajudando as crianças a aproveitarem todos os aspectos que aquela obra pode suscitar.

As crianças pequenas aprendem no convívio com os adultos e com outras crianças como nomear e expressar seus sentimentos. As emoções à flor da pele encontram nas palavras uma espécie de contorno, um nome que as ajuda a enfrentar esses afetos e direcioná-los para superar momentos difíceis, dar significado ao que foi vivido e fortalecer suas identidades.

O livro *Por que não posso? – Um livro sobre as regras* traz como possibilidade a explicitação de algumas regras simples e das razões de ser dessas mesmas regras, pro-

piciando um trabalho para a formação da personalidade das crianças em seu aspecto moral. O desenvolvimento da moralidade é um processo de construção que se inicia desde o nascimento; questões como as relações humanas, o respeito a regras e os famosos limites estão sempre presentes na vida das crianças. No convívio escolar, essas questões se tornam ainda mais cotidianas, cabendo à escola e ao professor uma atuação que ajude a criança a compreender regras e valores, direcionando o olhar dos pequenos para a construção do bem comum.

A formação da personalidade moral

O desenvolvimento moral é um processo que não é só cognitivo, mas também afetivo, social e cultural. Identificar o que é certo e o que é errado, agir em um grupo buscando o bem comum, ser respeitoso com os outros e consigo mesmo, realizar-se como pessoa; esses são alguns dos principais aspectos que envolvem o desenvolvimento moral. Desde os primeiros contatos sociais que o bebê estabelece com a mãe, o primeiro “Não!”, as primeiras regras e imposições dos adultos, a criança vai aprendendo a discernir: quem sou eu, quem são os outros, e busca ativamente os melhores modos de se relacionar.

A escola tem identificado seu importante papel nesse processo, e vem ampliando sua atuação para além da simples transmissão de informações. Sabemos hoje que é fundamental que o aluno possa ver sentido nos conhecimentos que são ensinados, e, mais que isso, que a escola forma valores, educa no amplo sentido dessa palavra.

Os professores precisam atuar de modo intencional nessa área; no entanto, assim

como apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), não é necessário criar aulas especiais para a Educação Moral dos alunos. As situações vividas, especialmente o tempo e o espaço reservado para a convivência, são mais importantes do que aulas com exposição de “bons modelos” de comportamento. O que se faz necessário é a reflexão a partir dessas vivências, a explicitação de valores e a sistematização das regras e seus princípios. Esses conceitos devem ser trabalhados sempre de modo transversal ao currículo e, preferencialmente, em projetos interdisciplinares. É nesse sentido que estamos propondo o trabalho com esse livro.

Por que trabalhar esses temas com crianças pequenas?

Como já citamos, a criança constrói desde cedo um conjunto de valores pessoais. Essa construção parte de experiências e ensinamentos vividos na família, nos grupos sociais que frequenta, na escola e também dos sentimentos com relação às pessoas, simpatias e antipatias, generosidade e agressividade, e assim por diante. Sentimentos essenciais ao desenvolvimento moral, como a vergonha, a indignação, a culpa e a confiança, aparecem logo nos primeiros anos de vida.

Os pequenos ficam indignados quando não recebem a mesma quantidade de refrigerante que seu irmão, por exemplo, ou se magoam quando uma promessa não é cumprida por seus pais. Desde os 3 ou 4 anos de idade, as crianças experimentam até mesmo certo desconforto quando fazem algo errado, como quebrar um objeto da sala. Dizem “não é justo” ou “foi sem querer”, mesmo antes de entender conceitos de justiça ou intencionalidade.

Os sentimentos são uma espécie de porta de entrada da criança no mundo moral e são a fonte de comportamentos de obediência e respeito ao outro, ainda que dependentes dos adultos, das figuras de autoridade. Quando a criança pode nomear o que sente e entender esses sentimentos, eles servirão de base para a compreensão das relações com as outras pessoas. É essa compreensão, juntamente a uma noção cada vez mais clara de quem se é, que libertará a criança da necessidade de outras pessoas indicarem a ela o que é certo e o que é errado. A formação de uma personalidade moral autônoma depende de uma percepção de si mesmo, de seu papel no grupo, das consequências de suas ações e da noção de responsabilidade.

Desse modo, quando indicamos a importância de uma educação que trabalhe os sentimentos não estamos falando de sermos carinhosos com nossos alunos ou de um professor que se declara magoado quando seu aluno desobedece. Estamos propondo estratégias para que os sentimentos vividos na escola, no convívio social, como medo, frustração, raiva etc., tenham a possibilidade de ser pensados e refletidos com o apoio do professor.

Fazer uso de histórias simples como as que aparecem no livro *Por que não posso? – Um livro sobre as regras* é um ótimo recurso para abordar essas questões sem invadir a privacidade das crianças. Em vez de expor um aluno, ou uma situação concreta para tematizar uma discussão sobre o que sentimos, pode-se propor uma conversa sobre o modo como os personagens do livro interagem, aproximando as crianças do tema e estimulando-as a falar espontaneamente (e se quiserem) sobre si mesmas.

Egocentrismo e as regras

As crianças pequenas pensam o mundo apenas sob seu ponto de vista, e essa característica, o egocentrismo, acontece porque os pequenos ainda não são capazes de perceber que outras pessoas possuem sentimentos e desejos diferentes dos deles numa mesma situação. Por volta dos 2 ou 3 anos de idade começam a conviver mais com outras pessoas. Ao ampliar seus vínculos, começam a perceber que nem sempre terão suas vontades satisfeitas e que precisam submeter-se às regras sociais.

Na escola, podemos observar como esse processo de perceber-se parte de um grupo e aceitar e respeitar regras não é simples. Aparecem muitos conflitos entre as crianças e muitas não aceitam que seus desejos não sejam sempre satisfeitos.

Se por um lado as regras restringem os desejos, é por meio delas que conquistamos nosso espaço no grupo social, e por essa razão investimos afetivamente no cumprimento das regras, para participar de um jogo, para demonstrar amor e respeito. São esses aspectos das regras que precisamos sempre apontar para os pequenos, para que pouco a pouco possam sair do momento de obediência para a autonomia.

Autonomia não significa apenas independência, mas sim perceber-se como parte de um coletivo e agir sem prejudicar os outros, buscando o bem comum. Seguir as regras é um primeiro passo desse caminho, desde que acompanhado das explicações necessárias para que as crianças possam compreender os princípios por trás das regras e seus valores, e assim libertar-se da imposição de regras dos adultos. Passam a respeitar regras não porque

alguém está mandando, mas porque querem ser respeitados também.

Se quiser explorar ainda mais profundamente a questão das regras com seus alunos, sugerimos a leitura de *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*, de Yves de La Taille.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

Professor, vamos expor aqui sugestões de atividades a serem desenvolvidas preferencialmente com alunos de educação infantil ou dos primeiros anos do ensino fundamental (crianças de 3 até 8 anos de idade). Essa sequência tem como base o livro estudado e busca favorecer o desenvolvimento moral dos alunos. Fica a seu critério aproveitar as propostas, adaptando-as ao perfil de suas turmas. Não é necessário realizar todas elas, você pode escolher as que mais se adequarem ao seu grupo.

ATIVIDADES PARA ANTES DA LEITURA

1. Apresente para seus alunos algum jogo com regras. Pode ser um jogo de tabuleiro ou uma brincadeira no pátio como barra-manteiga ou amarelinha. Veja se algum deles conhece as regras para complementar sua explicação. Deixe que o grupo brinque duas ou três vezes com o jogo. Num momento posterior, discuta com o grupo a necessidade de respeitar as regras para que o jogo seja justo. Se surgir algum problema durante a brincadeira, aproveite a situação para mais conversas. É importante que os alunos percebam a relação entre as regras e uma situação coletiva.

2. Mostre o livro para seus alunos e explore os elementos presentes na capa. Antes de

ler o título, pergunte para eles se imaginam como será a história: Por que o menino parece bravo com a menina? O que será que vai acontecer? Leia o título e compare com as ideias que surgiram. Pergunte se eles sabem o que é uma regra e para que ela serve. O que será que esse personagem queria poder fazer naquele momento? Chame a atenção de seus alunos para o jogo que parece estar acontecendo entre o menino e a menina e pergunte: Será que é possível jogar sem regras? Leia o texto da quarta capa do livro. Questione seu grupo: Por que será que não respeitar as regras pode ser perigoso? Não responda as questões, diga para seus alunos que tentem entender as perguntas ao longo da história.

ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

1. Organize sua turma em roda ou sentados a sua frente, de modo que todos possam observar as ilustrações ao acompanhar sua leitura. A cada página lida, mostre as imagens para seu grupo e comente sobre a palavra em destaque.

2. A história começa com a chegada de Júlia e os pais saindo de casa. Jonas já está com uma atitude ruim, dizendo que as regras são bobas. Interrompa a leitura na página 3 e converse com o grupo: Vocês acham certo essa atitude de Jonas? Por quê? Direcione a conversa para que percebam como ele está reclamando antes mesmo de alguma coisa acontecer.

3. A próxima situação da história é um passeio no parque, no qual o desrespeito às regras de trânsito faz com que atravessar a rua seja muito perigoso. Relembre com seus alunos regras que costumam combinar du-

rante passeios, com a escola ou com seus pais. Discuta a importância desses combinados para a segurança de todos. Imagine com seus alunos a consequência do descumprimento das regras.

4. Júlia tenta fazer as crianças participarem de um jogo seguindo as regras e novamente Jonas não aceita. Com isso, o jogo fica “injusto”. Converse com as crianças sobre essa situação: Por que quando um dos participantes não cumpre as regras o jogo fica injusto? Procure direcionar a conversa para que seus alunos percebam a necessidade de pensar no coletivo, se todos cumprem as regras a brincadeira fica muito mais divertida para todo mundo.

5. Chega a hora de dormir, novamente Jonas se recusa a obedecer, mesmo com a explicação de Júlia sobre a necessidade de dormir cedo para ficarmos bem e saudáveis. Então a moça relata para Jonas parte de sua vida. Ela explica que, mesmo não sendo mais uma criança, também precisa respeitar as regras. Quando conta sobre seu atraso para chegar ao trabalho e como essa atitude prejudicou outras pessoas, torna-se, assim, nítido que as regras fazem parte da coletividade. Interrompa a leitura na página 21 e explicita isso para seu grupo. Júlia chegava na hora para não levar bronca de seu patrão e porque percebeu como chegar atrasada prejudicou as outras pessoas.

6. Para terminar, converse com as crianças sobre a afirmação final de Jonas de que as regras não são bobas: Por que agora o menino tem essa opinião?

ATIVIDADES PARA DEPOIS DA LEITURA

1. No dia seguinte à leitura, sente-se com seu grupo em roda, retome a leitura do livro

e proponha a construção de um quadro de regras da classe. Se já houver um quadro como esse em sua classe, discuta as regras presentes no quadro, explicitando os motivos de cada uma delas. Procure escrever frases positivas, por exemplo, em vez de “Não pode gritar” escreva “Devemos falar baixo na classe”.

2. Retome alguma brincadeira que seu grupo goste, como esconde-esconde, por exemplo, e proponha que inventem uma nova regra para a brincadeira. A nova regra pode ser que o primeiro a ser encontrado também irá procurar os colegas escondidos, ou que quem for encontrado tem direito de se esconder mais uma vez etc. Depois de brincar, avalie com eles a nova regra. A brincadeira ficou mais divertida? Podemos inventar regras? Aqui é fundamental que percebam como as regras são sempre resultado de consensos, e que valem quando todos concordam com elas.

3. Se quiser, ou precisar, explorar ainda mais a questão da desobediência das regras

e suas consequências, leia e discuta com seu grupo fábulas como “O menino do lobo”.

SUGESTÕES DE LEITURA PARA O PROFESSOR

- BENNETT, William J. *O livro das virtudes para crianças*. São Paulo: Nova Fronteira, 1997.

- ROCHA, Ruth. *Armandinho, o juiz*. São Paulo: Salamandra, 2010.

- ROCHA, Ruth. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Salamandra, 1994.

Para saber mais sobre o desenvolvimento moral e trabalho com virtudes:

- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- TAILLE, Yves de la. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. São Paulo: Artmed, 2006.